



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SANDRA DIHL ARANHA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-

**Entrevistado/a:** Sandra Dihl Aranha

**Nascimento:**

**Local da entrevista:** residência da entrevistada

**Entrevistador/a:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Data da entrevista:** 04.11.2014

**Transcrição:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Copidesque:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Pesquisa:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 57 minutos e vinte e um segundos

**Páginas Digitadas:** 13 páginas

**Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Identificação; Escola de Dança João Luiz Rolla; Formação do professor Rolla; Escolas da época; Método de ensino; Jargões utilizados pelo professor; Espetáculos da escola; Avaliação; Álbum de formatura; Encerramento da escola; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 04 de Novembro de 2014. Entrevista com Sandra Dihl Aranha a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.L. – Gostaria que tu me disseses teu nome completo.

S.A. – Sandra Dihl Aranha

M.L. – Qual tua data de nascimento?

S.A. – 07 de novembro de 1947

M.L. – Teu estado civil?

S.A. – Sou viúva.

M.L. – Tu tens filhos?

S.A. – Tenho duas meninas.

M.L. - Tu és natural de onde?

S.A. - Sou natural de Porto Alegre comecei a escola de dança porque a minha mãe não tinha posses e o pai dela não podia. Ela tinha duas grandes paixões na vida que era o balé e o piano; meu pai trabalhava no banco do estado e vivíamos com alguma dificuldade, mas eles conseguiram dar o balé pra mim e o piano pra minha irmã. Eu me formei com o Rolla e a minha irmã se formou com as freiras franciscanas do colégio Santa Terezinha.

M.L. – Em que ano tu começaste a estudar na Escola de João Luiz Rolla e onde estava localizada a escola?

S.A. - Eu comecei no Rolla em 1955 e a escola era na rua marechal Floriano Peixoto. Antes disto eu sabia que a escola era em cima do cinema Cacique, mas eu não me lembro dessa época.

M.L. - Como era a estrutura da escola?

S.A. - era um prédio que tinha uma lancheria uma farmácia em baixo da porta ao lado e um corredor e à sala de aula ficava na sobreloja uma sala comprida vestiário ficava no fundo.

Muito precário assim porque era uma sala estreita. E uma coisa assim que me fascinava é que tinha piano. Tinha pianista ao vivo.

M.L. - E por que tua mãe escolheu essa escola?

S.A. - Foi por uma indicação. Nós estávamos nas férias e a esposa de um colega do meu pai, que a filha estudava na escola falou para a minha mãe e ela resolveu me inscrever lá. Eu fiz todo curso de balé lá. Eu concluí o curso lá.

M.L. - Em relação à formação do professor Rolla o que tu poderias me contar?

S.A. – Eu, pessoalmente, não sabia nada. Não acredito que minha mãe soubesse. Nós nunca conversamos sobre isso. Foi uma indicação e eram poucos professores naquela época. Eu me lembro da minha época de criança, com sete anos, quando eu entrei que tinha a Dona Salma Chemale, a Dona Tony Seitz Petzhold, e depois, mais tarde, a da Lenita Ruschel que era uma escola que se equiparava à do Rolla. Também a Lya Bastian Meier e a Dona Marina Fedossejeva. Esta última, tomei conhecimento porque havia uma colega que se transferiu para lá e o professor Rolla gostava muito dela e ficou magoado – quando ele se tomava de amores por uma pessoa, ele dedicava uma atenção especial. Era aquela a preferida e tal... Às vezes, ele nos confundia, porque éramos muito parecidas fisicamente naquela época ele ficou muito magoado porque ela saiu da escola e foi estudar com a Dona Marina. Ele tinha muito ciúmes das alunas dele. Essa aluna chamava se Anete Ferreira foi estudar na Marina e eu acho que era na Andradas que ela tinha um estúdio. Ela era uma boa professora.

M.L. – E nesta época qual era considerada a melhor escola?

S.A.- Naquela época olha não tenho assim a melhor... A Dona Marina eu sei que ela passava mais aquela coisa do balé russo... Elementos da escola russa, características da escola russa, com trabalho de ponta, saltos. Tem a escola da Lenita, por exemplo, que segue a escola do Royal balé. E tem a escola russa e a Dona Marina era por formação da escola russa. Então se eu, agora pudesse escolher... Naquela época eu tinha uma invejinha branca... Eu gostaria de fazer aula com Dona Marina porque era mais focado no balé. No Rolla eu acho... a formação do Rolla era mais prática nem tanto teórica naquela época porque ele era do atletismo ele praticava atletismo daí como ele gostava de dança é que ele foi aprender na Dona Tony e dali ele fazia balés... Dançou com ela e aí depois abriu a

escola. Então assim não se comentava muito sobre isso porque eu acho que tinha uma rivalidade até certa animosidade porque ele saiu da Tony e foi concorrer com ela porque realmente era uma concorrência ele tirou alunas dela eu conheço gente que estudava com ela a própria Zelira Eichemberg estudou com ela desde os quatro anos e saiu e foi pro Rolla então tinha essa coisa esse tabu. A gente não falava em Dona Tony dentro do estúdio sim era uma coisa assim muito provinciano.

M.L. - Quando tu começaste na escola tu fizesses aula direto com ele?

S.A. - Eu nunca tive aluna mestre foi sempre com ele.

M.L. - Me fala sobre a aula do professor Rolla.

S.A. - ele dava aula sempre assim calça, camisa, cinto, sapatilha e com uma vara. Não me lembro dele tocar em uma aluna para corrigi-la. Anos mais tarde, pensei sobre isto, pois tive a experiência de lecionar . Como a gente toca no aluno eu fiquei pensando assim como ele era respeitoso porque talvez pela condição dele de homem ele respeitasse isso de não tocar por que o balé tu arruma muito o glúteo. Então assim imagina ele um homem naquela época podia não ser muito bem entendido. Então ele te apontava com a vara. Ele cutucava a gente com aquela vara e tu tinhas que contrair o glúteo ali [risos] se quisesse ou não quisesse! Na ponta do pé também, sempre com o pé pra fora! O pé pra fora, como ele dizia pé de pombo! Ele era bem rigoroso.

M.L. – Tenho o registro do modo como ele era próximo dos alunos e vários deles tinham apelidos...

S.A. - Ele me chamava de Tande e depois o meu marido quando eu o conheci me perguntou a mesma coisa. Se eu tinha um apelido. Eu disse apelido não tenho mas meu professor de balé me chamava de Tande. E ele me chamou de Tande até o dia de morrer. Se ele falasse Sandra eu sabia que a coisa não estava boa [risos] só ele me chamava de Tande... Ele e o Seu Rolla.

M.L. – Tem alguma recordação especial de algum espetáculo?

S.A. - Assassinato na décima avenida foi maravilhoso! Porque era uma época de balé clássico e aquilo era uma novidade, um night club! Coristas! Naquela província que a gente vivia naquela época quem ainda era muito... Todo mundo se conhecia. Aquilo era

uma novidade muito sensual que a gente não estava acostumado. Porque a figura do balé clássico era mais... Eu acho assim se eu tivesse que te falar o Rolla ele inovava. Por exemplo, eu dancei Finlândia com música de Sibélius e depois que fui saber que era uma história sobre a guerra. A música de entrada... nós todos de cabeça baixa com passo quase militar... Entrando no palco! Era um ambiente sombrio de tristeza me lembro muito dessa coreografia dele por que era guerra e a música era do Sibélius. No Night Club eu fui corista e era quase um jazz eu não lembro quem é o autor da música. E depois um inesquecível para mim foi o Gran Canyon Suíte com música de Ferde Grofé. Pra mim, não tem igual. Eu era uma nuvem de tempestade. O figurinista dele sempre era o Dirson Cattani. E eu me lembro deles na mesa do Rolla ali discutindo a respeito de cor de fantasias e tinha a tinturaria Massini e a gente mandava tingir os tecidos na Massini pra ficar da cor que ele queria e aquela cor não era cor de nuvem ele queria nuvem de tempestade até achar o cinza da nuvem de tempestade... Tu não fazes ideia quantas amostras de tecido veio até que ele disse: “é essa!” Ele era muito, muito, muito perfeccionista, muito perfeccionista. “Na trilha” eu acho até hoje, que foi uma grande coreografia do Rolla. Ele aproveitou a melodia sincopada da música em passos que lembravam o trotar dos cavalos. A Zelira<sup>1</sup> fez o solo... que era para terminar com trinta e dois fuetts. Ela não conseguia fazer, treinou muito! E no ensaio a gente contava quantos fuetts ela fazia, todos muito nervosos. No dia do espetáculo, ela conseguiu fazer os trinta e dois que ele queria. Ela era um cavalinho. Então elas entravam mesmo como se fosse o trotar de um cavalinho lindo, lindo, lindo. Eu achava ele um grande coreógrafo! Eu fico pensando onde é que ele pesquisava isso porque era um trabalho de pesquisa incrível. Por exemplo, 2001 foi um trabalho dele que causou na época. Porque Porto Alegre era muito província, tu não fazes ideia o que era. Eram duas fantasias que se fazia porque tinha uma que a gente participava com o corpo de baile das mais velhas e a outra que era da nossa turma. Eram duas fantasias por espetáculo. A mãe da Zelira costurava, ela fazia as fantasias. Tutus maravilhosos. As minhas eram a minha costureira. A gente comprava tudo, ele dizia tudo, já estava tudo esquematizado. Em tal lugar tem os tecidos, a gente ia, tinha que levar na Massini para tingir, a gente levava. Porque tinha que ser aquela cor que ele queria. Porque a nuvem tinha que ser aquela nuvem se aproximando para tempestade porque a gente entrava no palco correndo na diagonal, como as nuvens ligeiras que anunciam a chuva... Sibélius também era um vestido de Jersey por aqui, um demi-longue... Uma cor meio cinza meio esverdeado. Depois tinha

---

<sup>1</sup> Zelira Eichemberg, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

a Valsa Triste que também fazia parte desse espetáculo de Sibélius. Teve a valsa triste que o irmão da Regina Guimarães<sup>2</sup> fazia o menininho que a mãe estava morrendo... As ideias do Rolla!

M.L. – E como se dava a concepção dessas coreografias?

S.A. - Sempre vinha tudo pronto. Na nossa turma que ele chamasse a participar não. Talvez com algumas prediletas dele ele fizesse isso. Ele tinha sim a Sônia Lemke<sup>3</sup>, a Manon Freire<sup>4</sup> que depois casou foi pra São Paulo e abriu uma escola lá. A própria Zelira, a Diana Farina<sup>5</sup> essas moças que já eram das turmas bem mais adiantadas que a minha. Eu acho que são da primeira turma dele em 51. Elas eu sei que borboleteavam ao redor dele. Na minha turma não me lembro dessa experiência de chamar a participar da coreografia. O que tu sugeres? Tu achas que fica melhor? Não.

M.L. – A escola realizava um espetáculo por ano?

S.A.- Sim.

M.L. – Tu ficaste todo o período até a formatura estudando na escola da Rua Mal. Floriano?

S.A.- Não. Eu fui também na escola da Alberto Bins ali passando a antiga sede da Sogipa, passando a Avenida Barros Cassal, mais ou menos no meio da quadra. Eu me lembro que eu terminei o curso neste local na Avenida Alberto Bins. A sala era mais antiga que a da Marechal, mas era praticamente o mesmo tamanho.

M.L. – E a quantidade de alunos da escola na tua época?

S.A. - No meu tempo era uma turma de 1º ano e 2º ano... Talvez depois quando eu me desliguei da escola... Depois que me formei eu não continuei fazendo aula. Aquele período passou. Então não sei. Eu sei que quem ficou muito ligada nele foi a Regina Guimarães. Eu não via a muito sentido em ficar fazendo aula se eu não ia seguir com aquilo. Eu tinha que focar em outra coisa. Assim como no esporte, meu marido foi atleta do União. Jogava bem basquete, foi campeão de natação, saltos ornamentais... mas é aquela coisa... Chega na hora

---

<sup>2</sup> Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>3</sup> Sônia Lemke, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>4</sup> Manon freire, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>5</sup> Diana Farina, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

tu tens que ter uma profissão e esporte não dava dinheiro naquela época. E era uma carreira muito curta e eu não via horizontes de eu sair daqui para ir para um lugar estranho ser bailarina. Nem nos era mostrada essa possibilidade, entendeu... Eu por exemplo nunca aprendi um balé de repertório. Então eu acho que assim... depois, na época em que eu lecionei, eu insisti muito com a Maria Cristina Futuro<sup>6</sup> que tem o Studio aqui em baixo na Dona Laura. E eu disse pra ela nós temos que ensinar as meninas balés de repertório porque se elas quiserem algo mais elas vão ter que fazer concurso, uma audição. E eles sempre pedem um número de repertório. Aí é que ela começou a trabalhar com reposição.

M.L. – Então tu deste aula de balé?

S.A. – Sim. Eu dei aula. Eu dei aula na década de 80 na escola da Cristina Futuro. No princípio, voltei pra escola dela pra fazer a aula e depois a Cristina me convidou para dar aula. Daí eu fiquei dando aula ali no estúdio. Saí em 1990 e ainda continuei fazendo aulas por dois anos na Vera Bublitz. Isso foi até 92 e aí, eu parei. Mais tarde, eu voltei para dar baby class. Uma amiga tinha uma escola infantil e perguntou se eu não queria dar aula e eu não estava fazendo nada. Então, vamos lá trabalhar com os babies. Eu nunca tinha dado aula de baby e é diferente tu tens que trabalhar outras coisas. Eu tive que me atualizar um pouco pra poder trabalhar com eles. Mas a minha formação é clássica na dança, e sou formada também em Direito.

M.L. – Como era o professor Rolla no aspecto pessoal contigo?

S.A. - Pra mim ele sempre foi assim uma pessoa muito, muito rígida, muito disciplinador. Não é dizer que eu tivesse medo dele não é isso. Eu tenho muito respeito por ele eu acho que é isso: ele sabia se impor. Mas eu sei que ele era generoso e ajudava algumas alunas até que não podiam pagar que os pais estavam com dificuldades e ele ajudava porque via naquela aluna um talento. Não quero falar quem porque fica registrado. E fica ruim e não sei se a pessoa vai gostar.

M.L. – Certo. Me fala então sobre carreira profissional das alunas da Escola.

S.A. – São várias as escolas e elas trocam informações. Tem aquelas rivalidades não é... Por serem contemporâneas. Por uma ter mais sucesso à outra menos sucesso. Aquela lá não dançam bem... O meu é melhor... Aquele tipo de coisa. Porque balé é competitivo.

---

<sup>6</sup> Maria Cristina Pizzoli Futuro, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

M.L. - E sobre as críticas nos jornais após os espetáculos.

S.A. – Pro Rolla, pro Rolla... ele ficava em pânico! [riso] Ele esperava com uma ansiedade medonha a crítica do Cláudio Heemann, do Aldo Obino. O jornal do dia seguinte ele ficava esperando se tinham gostado, ou se não tinham gostado. Mas no geral gostavam. Nesse ponto todas nós participávamos porque a gente tinha interesse que fosse um bom espetáculo. A gente trabalha o ano inteiro para aquilo.

M.L. – Como era feita a avaliação?

S.A. - A banca de avaliação era composta por uma formanda, eu não sei se chamava alguém de outra escola. Pra mim aquilo era tão natural. Agora que tu falasse nisso que me puxa a memória. Mas eu tenho pra mim que a gente sempre deve fazer o melhor. Quando tu estuda, tu estuda pra ti. Eu não faço para demonstração para o outro é sempre um acréscimo pra ti. Então eu achava que era muito natural o exame e eu sabia que eu ia passar mesmo porque eu era uma aluna boa. Não das melhores, mas também não segurava cortina [risos].

M.L. - Tu te recordas de álbum de formatura que era solicitado pelo professor?

S.A. - Eu tinha um caderno onde se recortava... Agora não me lembro se era a exigência dele, ou se eu fazia aquilo por minha própria conta. Mas eu recortava figuras de bailarinas, os musicais da Metro no Colombo. Aquilo pra mim era... Não sei que dizer... As sensações... Por isso que eu te digo que me mexeu. Porque eu me lembro do Teatro São Pedro aquela correria nossa lá dentro e o Rola mandando parar quieto. Eu me lembro do Luiz<sup>7</sup> o iluminador, tu acredita uma coisa dessa? Me lembro como se eu tivesse vendo na minha frente ele tinha a tez morena, era um homem até bem bonito. Lembro do cheiro da cortina da coxia, as luzes, a gente espiando na cortina para ver a plateia, meu Deus do céu aquilo era adrenalina pura! Tu não faz ideia! Porque depois eles não abriram mais o São Pedro para espetáculos infantis. Porque destruíam as coisas. Hoje as crianças não têm cuidado e os pais são muito permissivos acho que falta mais educação porque é propriedade de todos nós. Não ponha o pé, e não joga chiclete no chão sabe esse tipo de coisa... Ainda colam chiclete em cadeira é complicado.

---

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

M.L. – Tu soube o motivo do fechamento da Escola?

S.A. – Não. Não soube. Volta e meia às gurias se reuniam pela iniciativa da Sandra Andreatta... Para o aniversário do Rolla... Às vezes eu encontrava com ele em espetáculos de balés que vinham em Porto Alegre e a gente sempre conversava. E ele foi ficando com pouca visão... Eu perdi o contato e os caminhos se diferenciaram. Então aquela parte do Araújo Vianna eu não sei nada, nada, nada. O Rolla na vida privada dele ele era muito discreto... Eu não sabia nada. Tirando ali da aula ele era um homem muito respeitador com as mães, com as alunas, mas fora daí eu não sabia nada da vida particular dele. Também nunca procurei saber. Eu sei que pessoas se aproximaram dele para sugar e eu me desgostei, e acho que talvez isso tenha sido das coisas que me afastaram dele. Porque ele estava dominado por este grupo que praticamente tomou conta da escola dele e dele. Não eram familiares eram alunos. Inclusive o acervo dele que era muito grande, segundo eu ouvi dizer - não posso afirmar isto – comentários - de que essa pessoa se apropriou do acervo. Porque ele tinha uma biblioteca muito grande.

M.L. – Esta Biblioteca que te referes foi comprada pela ESEF UFRGS dele mesmo ainda em vida ele resolveu vender.

S.A. – Ah era um material muito raro. E depois como professora eu senti falta de música para dar aula. Hoje em dia ponho um DVD sei lá... Mas naquela época não tinha. E eu ainda acho o piano em sala de aula a melhor coisa. Porque tu dá o andamento para a música que tu queres pra trabalhar determinadas partes ou determinados passos e exercícios e tal. Então nada como piano, com música ao vivo, mas na falta desta, o mercado deveria ter. Eu comprei muita coisa importada com imposto altíssimo. Eu importava a Dance Magazine para saber o que se passava no mundo da dança, e aí, depois fiquei com ela toda aquela tralha... A minha filha mais velha que tinha alma de bailarina, ela não tinha o corpo por genética da parte do pai... ela era graúda. Eu também não tenho exatamente o corpo de uma bailarina porque eu sou larga de quadril. Então essa gostava e não pode continuar porque a Vera Bublitz, pra mim uma estupidez, porque eu acho que é assim a dança é inerente ao ser humano é a primeira manifestação artística que houve do homem foi a dança porque antes de fazer afresco em parede ele dançava para chover. Então assim é a primeira manifestação tu escuta um ritmo o corpo se balança. Então é uma coisa assim que não quer dizer que para tu dançares tu tens que ser uma primeira bailarina

não! É tu teres direito a dançar! Eu dei aula para adultas que começaram a dançar depois de vinte anos ou mais. Até senhoras que na época não tinha tido oportunidade e tinham aquela paixão, foram dançar e tinham possibilidade de dançar bem. Não claro uma primeira bailarina, mas aquilo dá prazer para a pessoa e isso tem que ser respeitado. E aqui tem essa cultura. Agora, parece que está mudando um pouco... tem mais aula para adulto. Mas a Vera disse ou ela emagrece ou cai fora! Porque eu aprendi com a Cristina... Nessa parte ela era muito cuidadosa... com o corpo... aprender a sentir o corpo, os limites do corpo, a ouvir. Então a gente corrigia muito a postura, se tinha um pé chato, corrigia-se de modo a não prejudicar os ligamentos do joelho. Porque Seu Rolla não... O que interessava era uma primeira posição bem aberta. O importante é que fosse bem aberta. Mas a gente ficava prejudicando os ligamentos do joelho.

M.L. – Em relação a esta escolha por um ou outro tipo ideal para a dança como era na escola de João Luiz Rola?

S.A. - Não tinha problema não. Todo mundo dançava, mas ficava segurando cortina. Ficava mais atrás, mas dançava. Inclusive na minha aula tinha uma aluna que tinha tido paralisia infantil e que tinha uma perna bem diferente da outra e se formou comigo ela chama-se Rejane Maria Pieri Polanczyk. A gente fazia aula normal não tinha discriminação, não tinha gordinha, não tinha magra. E uma coisa que não existia... assim, as mães aceitavam. Depois, como eu trabalhei com professora, era uma dificuldade porque as mães não aceitavam. Elas queriam ver as filhas na frente. Porque tu ficas naquela dualidade : ou tu seguras a aluna como forma de manter a escola... porque tem uma estrutura, enfim, que tu tens que manter. Ou então tem que fazer uma coreografia já pensando naquela aluna que não é tão boa lá na frente. Porque as que iam na frente eram as que decoravam. Porque tu te espelhava por elas quando ela levantava a perna às outras levantavam. Tinha a quem seguir! Hoje, não. Hoje, a gente coloca uma auxiliar dançando com os pequeninos. Isso era a gente que fazia na primeira fila. E ninguém reclamava. Hoje não, as mães exigem porque senão elas vão embora do estúdio. Naquela época era uma honra dançar em qualquer lugar desde que se dançasse no Rolla. Não se discutia esse tipo de coisa, não tinha essa vaidade, esse estrelismo. Talvez a gente tivesse muita noção do mérito... a que dança melhor, é justo, que vá para frente. E hoje não. Não é igual. Porque eu vou te dizer a minha alma é de uma primeira bailarina, mas eu sabia que eu nunca chegaria lá porque eu tenho certa conformação de pé e de quadril que me limita. Por

exemplo, a Ana Botafogo é uma bailarina que é limitada. Ela é muito perfeita, muito técnica, mas só que a perna dela não levanta acima dos noventa graus por uma questão da conformação do corpo. Os russos antes de entrar na escola eles avaliam se tu não tiveres a conformação, já nem entra. Então não são todos iguais... não adianta esse discurso de querer que todos sejam iguais. E no balé isso está muito presente. É muito fácil de a gente ver... tem que correr atrás da máquina, ou se conformar. O balé é, e sempre será competitivo.

M.L. – Este momento final da nossa entrevista e tu tens um espaço para registrar algo importante.

S.A. – Eu acho balé, a dança, a maior das artes porque ela engloba várias artes. Antes do balé eu já gostava de música clássica então ali eu desenvolvi mais. Porque ali eu tinha o cenário... o próprio feeling ... tu sentes e representa aquilo. Tem um pouco de teatro e o professor Rolla usava muito isso. Não basta tu teres a técnica do balé tu tens que ter o feeling, a alma. Tem que passar aquela emoção para as pessoas. Então acho que é uma arte muito completa com teatro, figurino, com cenário (pintura), com a música, iluminação, tudo, tudo, forma aquele conjunto. E tem o lado da disciplina, da hierarquia, da superação que são coisas muito positivas. É um aprendizado pra ti, pra tua vida, porque se chega a lugar algum se não se tiver essa disciplina. É uma coisa assim... quase militar. Foi maravilhoso não posso imaginar a minha vida sem a dança. Talvez, se eu tivesse mais maturidade naquela época, e não fosse naquela época... fosse hoje... talvez eu tivesse me dedicado mais e não tivesse parado. Porque realmente não se tinha perspectiva: era uma coisa, ou outra. Me lembro. Era assim que se projetava. Eu lembro da Eleonora Oliosi<sup>8</sup>, da Beatriz Consuelo<sup>9</sup>, Thaís Virmond<sup>10</sup>. Depois, uma época, aquele dono da Praver e mais o Cláudio Heemann... nós tivemos várias reuniões, tentando formar um grupo de dança de Porto Alegre, um municipal. Depois, eu saí de lá. Meu marido foi vereador de Porto Alegre - o nome dele era Martim Aranha - e participava das reuniões. Então a gente queria fazer um corpo de dança municipal. Mas aí entra cada um puxando pro seu assado. A neta da Dona Tony... O outro lá queria ser o manda chuva... Então as pessoas não se unem para

---

<sup>8</sup> Eleonora Oliosi foi primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, recebeu o Prêmio Nijisky de 1961 e 2o. lugar no I Concurso Internacional de Ballet do Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Beatriz Consuelo, ex-aluna da Escola de Bailados Clássicos Tony Seitz Pethold com projeção internacional.

<sup>10</sup> Thaís Virmond, ex-aluna da Escola de Bailados Clássicos Tony Seitz Pethold.

contribuir. Elas querem é sobressair, aparecer... a vaidade, como sempre. Sobrepujam essas coisas. E aí o Cláudio Heemann fazia parte do grupo e a gente fez diversas reuniões. Mas não deu em nada e eu acho que é uma carência muito grande Porto Alegre não ter o seu corpo de baile municipal para desenvolver mais esta arte.

M.L. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]